

SOBRE O ENSINO DE ARTE E ARQUITETURA

Flávio L. Motta

Depoimento ao Prof. Khaled Ghoubar em 5 de março de 1999

Daniel Garcia



*É licenciado em Pedagogia pela FFCLH/USP, 1947. Desenhista, estudou e trabalhou no Museu de Arte de São Paulo, a partir de 1947. Foi professor de História da Arte em vários cursos dessa instituição e no Instituto de Educação Caetano de Campos, bem como na fase inicial dos cursos da Fundação Antônio de Álvares Penteado, e a partir de 1957 na FAU/USP. Prestou concurso de catedrático na FAU em 1968. Em 1952, produziu para a PRF3-TV (Tupi) o programa de televisão "Vídeo de Arte".
Tem livros, ensaios e artigos publicados no país e no exterior.*

Adusp - Se estamos falando do ensino, ele não é uma preocupação só de quem ensina, mas sobretudo de quem aprende. E como todas as questões temáticas que as disciplinas abordam são complexas, aqui na FAU/USP elas estão agrupadas em três departamentos: História, Tecnologia e Projeto, e mais um quarto departamento que seria o AI - Atelier Interdepartamental, onde as atividades interdisciplinares e interdepartamentais seriam executadas. Essa proposta, que vem do professor Artigas, não vingou ainda. O que aconteceu com o AI e o ensino na FAU/USP ?

Flávio - Quero lembrá-lo de que a palavra 'escola' tem uma origem grega, que está ligada ao ócio. Não o ócio do "*dolce far niente*", mas do tempo ganho à guerra para o sujeito se desenvolver como pessoa. Enquanto ensinar é pôr sinais na cabeça do aluno, instruir é instrumentalizar, e educar é conduzir. Há também o didático (*διδασκαλικός*) e a pedagogia (*παιδαγωγία*), termos usados, como os acima referidos, indistintamente, para designar as atividades voltadas às relações culturais e sua propagação ou instituição. E os professores, para susto de alguns estudantes, não sabem tudo. Os alunos pensam que seus professores sabem tudo, mas eles também estão sempre aprendendo. E às vezes o professor é bom quando sabe conduzir o aluno, ensinando-o a estudar : "Vá lá, procure aquela fonte, pense sobre esse assunto...", "Não. Me dê a fórmula professor...", "Não. Não lhe dou a fórmula, a fórmula foi pensada, foi feita e é o resultado de um trabalho intelectual, de pro-

cura e de pensar...". Essa coisa esteve muito presente na FAU, essa idéia de querer que as pessoas ali participassem de um processo cultural e de conhecimento. E quanto mais claro esse conhecimento se torna, mais lúcido e melhor fica.

Adusp - Analisando o anteprojeto arquitetônico, às vezes se vê que ele põe a descoberto, põe a nu muitos desejos, muitas inclinações, muitas tendências do arquiteto, da visão do arquiteto, que fica mais explícita. Naturalmente isso ocorre devido às circunstâncias, ao local, a toda a política da Universidade, aos processos construtivos e aos cálculos. Tudo aqui que a gente procurou acompanhar eu sei uma pequena parte.

Flávio - Guardo um cartaz, que veio junto com as minhas coisas da FAU, em que está escrito "AQUI É O AI". No espaço onde hoje estão os departamentos havia um salão que era para ser o Atelier Interdepartamental, o AI Mas nós vivíamos um momento de turbulência surpreendente, quando houve prisões de professores e aquela coisa de que a cátedra era vitalícia e a autoridade do professor não podia ser contestada, não porque era "*magister dixit*", mas para manter a integridade e a responsabilidade do professor naquela situação de ensino. Terminaram por prender alguns professores e acabar com a vitaliciedade da cátedra. O AI conotava o Ato Institucional nº 5. E nós que caminhávamos dentro de um programa cultural, tivemos um desvio pelo fato de professores, integrados no assun-

to, estarem impedidos de comparecer à escola. Naquela ocasião, havia um sentido meio ambíguo : "aqui é o AI", quer dizer, "aqui é o Atelier Interdepartamental", e o pessoal pensava que era o AI-5. Mas, realmente, se referia ao lugar do Atelier Interdepartamental: vazio; não funcionava. E a interdepartamentalidade era um aspecto da interdisciplinaridade, que é uma preocupação na universidade, não só na USP, mas em várias partes do mundo. Tenho aqui um livro datado de 1944. Era aluno da Faculdade de Filosofia. É uma *História da Pedagogia*, que mostrei a um professor, e ele, na sua modéstia, disse o seguinte: "Flávio, eu não li esse livro..." E se tratava de um autor respeitável. Depois, ele leu e gostou. Hoje eu estou relendo essas coisas sobre a história da educação. Porque mesmo no "lufa-lufa" daqueles momentos que vivíamos, nos desajustes sociais e políticos, alguns até amargos, e outros, de encher o coração de alegria, no meio daquelas turbulências, todos nós também nos perguntávamos: "Como é que nós vamos enfrentar esses problemas da Faculdade? Por que é que se chama "Faculdade"? Por que é que se chama "Universidade"? De onde vem essa idéia de "Universidade"? E essa história de departamento?". Chegaram a perguntar também: "Você vai ensinar matéria ou disciplina?". Questionavam-se esses termos todos. E hoje estamos a rever isso, com dificuldades. Temos que ler e reler, e anotar essas coisas todas para podermos nos reaproximar de uma geração que prezamos.

Adusp - Há uma questão interessante: o espaço pode ser indutor de comportamento? Ou seja, um espaço fluido e flexível, como é o da FAU, estaria propiciando o exercício de um curso fluido, de posturas flexíveis?

Flávio - Vou lhe contar uma história para reforçar o que você está dizendo. Eu tinha um amigo que foi passear na Europa. Era pintor e foi para Bruges, na Bélgica. Ao voltar, exclamou: "Maravilha a Veneza do Norte; cheguei lá, entrei na igreja de Bruges, e eu que não sou católico, não tenho formação religiosa, caí de joelhos!". Tal era o clima que a arquitetura induzia na gente.

Adusp - Sempre houve, agora não mais, uma forte tensão entre as escolas paulistas e cariocas de arquitetura. Enquanto a paulista surgia "racionalista", de dentro de uma escola de engenharia, a Politécnica, a carioca, saía "formalista", de dentro de uma escola de Belas Artes. Não foi exatamente essa tensão que alimentou a moderna arquitetura brasileira com um diálogo permanente entre essas duas correntes?

Flávio - O Rio de Janeiro foi a sede da Corte, e D. João VI chegou lá com a Escola de Belas Artes, com a Biblioteca Nacional, com o Jardim Botânico, e tantas outras coisas assim, para dar aquele aparato de Corte. E aqui, São Paulo o que era? Era uma economia muito marcada inicialmente pela agricultura, pelo gado, pelo café e pela indústria - isolada um pouco pelo planalto. Aqui também havia uma certa autonomia com as estradas de

ferro, com o acesso ao mar e com a instalação da Faculdade de Direito. Até então São Paulo era uma cidadezinha sem muita expressão. Foi a Faculdade de Direito com seus cursos jurídicos que veio trazer vida cultural e intelectual a São Paulo por volta de 1828, dando outro sentido à cidade. São Paulo passou a ser um espaço da economia e da vida cultural quase simultaneamente com a instalação da Corte no Rio. E São Paulo vai se firmar principalmente com a República.

Adusp - A população reconhece a arquitetura como uma edificação bela, original e diferenciada, e que tem surpresas. E essas qualidades são próprias dos objetos de arte. Diante dessa importância, a disciplina de História da Arte para os arquitetos foi pensada diferentemente da de uma escola de Belas Artes?

Flávio - Você tem que levar em consideração duas coisas. Porque nesse problema de educação, se você não falar de história, de filosofia, de ciência, de arte e não se demorar um pouco sobre elas, fica difícil de andar. Vou ler para você algo que escrevi: "Quando a qualidade do conhecimento se faz explícita nas relações humanas, ela não se fecha em si, apenas para a satisfação de alguns. Pelo contrário, por mais que perdure em formas, fórmulas, modos, usos e costumes tidos como imutáveis, perenes e cristalizados, ela retorna em momentos inesperados da história". O processo de educação em arte exige estudos e indagações de ordem filosófica, histórica, política, econômi-

ca e artística. Então, é uma questão educacional por excelência. A FAU teve, e tem, muitos professores provenientes da Faculdade de Filosofia que se instalaram nas disciplinas de sociologia e de arte, e que começaram a estudar historicamente o processo de industrialização. Verificamos também que professores da Politécnica se revelaram excelentes arquitetos, gente de qualidade cultural respeitável (essas pessoas não escolhem muito o lugar, elas aparecem...) como o próprio Artigas. O problema artístico é um problema que vou procurar responder com uma pequena história que aconteceu comigo e com vários outros professores, numa outra escola. Tínhamos um estudante de artes que era muito turbulento e os professores reclamavam de que ele interrompia as aulas a todo instante. Num certo dia, um professor me chamou para que lhe desse minha opinião sobre umas aquarelas. Eu respondi que eram abstratas, mas lindíssimas, e eu as apreciava muito. Perguntando-lhe quem as fizera, verificamos na sua ficha que se tratava do "aluno turbulento". E onde ele tinha nascido? Em Hiroshima! Todos caímos derrotados diante disso. É o problema cultural, o ambiente em que você vive, a língua que você falou, os usos e costumes que você teve, toda a vivência em suma. E você me pergunta se a arte se ensina? Às vezes ela emerge desse fundo de desejo de comunicação, como uma busca de autenticidade dessa comunicação. Será que se precisa ensinar, ou o ser humano tem necessidade absoluta disso?

Adusp - Hoje nós temos a presença de uma estética "pós-moderna". O que essa estética tem a contribuir para a nossa cultura ?

Flávio - O "pós-modernismo" surge num certo momento quando a arquitetura funcional não funcionava psicologicamente. Não sabia absorver o "folclore urbano", ou o kitsch - uma fantasia de conteúdo, considerada de mau gosto. Esses problemas não estavam sendo pensados e absorvidos, devido a uma certa rigidez e estreiteza no conceito de "funcional". E isso tem vários significados. Exige um estudo em maior profundidade.

Adusp - O mercado imobiliário sabe que a solução diferencial do projeto arquitetônico é uma garantia de vendas, mas, por outro lado, impõe vários outros aspectos ao arquiteto. E os edifícios acabam sendo embalados como qualquer outra mercadoria. Nesse contexto, discutir arte numa escola de arquitetura não vira uma coisa muito mais complicada?

Flávio - Quanto a essa questão de mercado, ele só existe quando existe mercadoria, e a mercadoria só existe com a "produção e a reprodução da vida real".

Adusp - O patrimônio cultural de uma população pode ser entendido como a memória que ela tem, ou que não deve deixar de ter, da sua história, dos valores afetivos, dos valores materiais, dos valores paisagísticos, etc. Como fica o patrimônio histórico e artístico popular se a mídia prestigia, principalmente,

o erudito e o oficial?

Flávio - Se você faz um projeto de arquitetura de um edifício qualquer, você tem que ter um programa de funcionamento econômico e psicológico daquilo. Quando conversávamos, numa das últimas vezes, com o Artigas, sobre aquelas colunas da FAU (e eu me lembro dos primeiros desenhos que ele fez), nós íamos lá ver a construção da Faculdade e conversávamos com os operários, e víamos que ele transmitia uma vibração e paixão pessoal pela arquitetura, pelo trabalho do arquiteto e pelo gosto que ele tinha pelo desenho e pelo material. Ele transmitia para você a qualidade do concreto. E às vezes o sujeito que entrava no prédio da FAU e não percebia espaço nenhum ao menos percebia que ele era bem feito e que era feito com um componente pessoal: "- aqui houve gente, gente-gente, mexendo nisso". Então essa coisa pessoal transmite e essa objetividade transparece. Está lá. Ele como pessoa está lá. Deixou seu tato sobre as superfícies. É o que vem dele, do fundo, como dessas coisas a que você está se referindo, coisas de barro singelas que a população faz, pequenos objetos ou um casebre, mas você vê o mesmo carinho e a mesma capacidade de entrega e posse.

Adusp - O conceito de cidadania, que está se banalizando, mas que deve ser entendido mais do que o exercício pleno dos direitos civis, mas principalmente à capacidade de a pessoa acreditar em si mesma, nas suas associações e no Estado.

O que a arquitetura pode ajudar na constituição da cidadania?

Flávio - O cidadão é coisa da implantação da Revolução Francesa contra a aristocracia. A bandeira brasileira tem partes da uma frase citada na capa de um livro de R. Teixeira Mendes, sobre Benjamin Constant, (*Apostolado Positivista no Brasil*, 1894): "o Amor por principio, i a Ordem por baze; o Progresso por fin". Então "o Amor por principio" não está na bandeira, só está a "Ordem" e o "Progresso". Ou o amor não quis entrar, ou não o deixaram entrar... Uma bandeira que o sujeito precisa ler.

Adusp - O que houve de interrupção no processo brasileiro de evolução para uma universidade mais democrática, aberta, pluralista, rica, emancipadora, prazerosa para os jovens, e útil socialmente ?

Flávio - Ela está aí, está nas ruas, nas casas, nos hospitais, nas escolas (até nas escolas...). Está aí. Porque um dos aspectos da educação é que ela não é tão palpável para você dizer que pode fechar a escola. Fechar o conhecimento, fechar a arte? Fechar como? Não cabe aqui trazer um testemunho pessoal, cheio de equívocos perante os anos conturbados que vivemos nas universidades. Mas não seria justo negar momentos de consciência, de conhecimento, e de desejo de aliar a sobrevivência à existência, resultado de convívios que permanecem no âmago dos nossos dias passados, mas tão presentes, que nos apontam para uma universidade mais humanizadora. **RA**